

# Leilão de escravos é flagrado na Líbia

Carta Capital 14 de novembro de 2017

Uma reportagem levada ao ar pela rede de televisão norte-americana CNN nesta terça-feira 14 mostrou as primeiras imagens de um crime denunciado pelas Nações Unidas em abril, mas que ainda não havia sido flagrado: imigrantes africanos são rotineiramente vendidos como escravos na Líbia, país no norte do continente.

“Alguém precisa de um escavador? Este é um escavador, um homem forte e grande”, diz o responsável pelo leilão de seres humanos. “500, 550, 600, 650...” Em cerca de sete minutos, uma dezena de pessoas foi vendida. A todo tempo, afirma a repórter responsável pela matéria, os criminosos se referiam aos imigrantes como “mercadoria”. 650 dinares, o valor pelo qual um dos homens foi vendido, equivalem hoje a 1,5 mil reais.

O flagrante foi feito pela CNN em outubro, com o uso de câmeras escondidas. A reportagem da emissora recebeu a informação sobre o local do leilão e conseguiu acompanhar o evento. O responsável pela venda de pessoas não quis conversar com os jornalistas e dois dos homens vendidos, abordados pela reportagem, estavam em choque e também não falaram.

A reportagem foi realizada depois de a CNN receber de uma fonte um vídeo de um leilão de escravos realizado meses antes na Líbia. Nas imagens, homens negros aparecem no vídeo. Um outro homem coloca a mão sobre eles e anuncia “garotos grandes e fortes para trabalhar na fazenda”.

Segundo a CNN, há leilões em pelo menos nove cidades líbias. A prática foi denunciada pela Organização Internacional para Migrações (OIM), da ONU, em um relatório publicado em abril, baseado em relatos de sobreviventes. Segundo o órgão, os leilões de pessoas são tão comuns que estariam sendo realizados ao ar livre. Em julho, o jornal espanhol *El País* publicou uma longa reportagem, também centrada em depoimentos de sobreviventes, que relatava a escravidão na Líbia.

Líbia pós-Kadafi é um caos

A Líbia foi um dos diversos países pelos quais passou a chamada “Primavera Árabe”. Em 2011, inúmeros protestos contra o ditador Muamar Kaddafi ocorreram em diversas cidades do país. O governo respondeu com uma onda repressiva e, a exemplo do que ocorreu na Síria, o levante logo se tornou uma

rebelião armada. Atores pacíficos foram afastados do cenário e substituídos por milícias.

Em meio à guerra civil, uma coalizão liderada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar entre Estados Unidos e Europa, atacou as tropas de Kadafi. Enfraquecido, o ditador fugiu de Trípoli. Lá, foi capturado e linchado até a morte por rebeldes.

Após a morte de Kadafi, a Líbia foi abandonada à própria sorte pelo Ocidente. O país não conseguiu superar uma de suas mais nocivas heranças, a eliminação da sociedade civil, substituída, nos 40 anos de autoritarismo, por um culto forçado à psicótica personalidade de Kaddafi.

Eleições parlamentares não foram suficientes para conciliar os interesses dos diversos grupos políticos e étnicos suprimidos por Kaddafi ao longo de quatro décadas. Uma nova guerra civil eclodiu em 2014 e hoje o país se encontra dividido entre dois governos que buscam legitimidade internacional. Acuado na Síria e no Iraque, o Estado Islâmico visa a Líbia como um novo local seguro de onde lançar suas operações.

O Ocidente só voltou a dar atenção à Líbia quando estourou a crise dos refugiados, em 2015. Com o país em frangalhos, a Líbia se tornou ponto de atração para milhares de imigrantes de países africanos, que viram no país uma oportunidade para chegar à Europa, seja em busca de melhores condições econômicas ou fugindo de outros conflitos civis no continente. Logo, as milícias e outros grupos montaram redes de tráfico de seres humanos para promover a arriscada travessia entre o norte da África e o território europeu.

Combate ao tráfico de pessoas criar acúmulo de refugiados

Mais recentemente, as autoridades líbias passaram a fortalecer o combate ao tráfico de seres humanos. Em parte, fazem isso para melhorar as relações com a Europa, cujas companhias se interessam em investir no país africano, especialmente no rico setor de petróleo. Em larga medida, o combate ao tráfico se dá simplesmente porque ele é financiado pela Europa.

Em 25 de outubro, a revista norte-americana *Vice* publicou reportagem que mostra detalhes do acordo entre os governos da Itália e da Líbia. Navios militares italianos que monitoram o Mediterrâneo, ao avistarem barcos com refugiados, acionam a Guarda Costeira líbia para que faça o resgate e levem os imigrantes de volta à Líbia. Caso a Marinha italiana faça o resgate, precisaria levar essas pessoas para o território italiano. Em fevereiro, a Itália assinou um acordo de 236 milhões de dólares com o governo da Líbia para financiar e treinar a Guarda Costeira local.

O reforçado combate ao tráfico de pessoas reduziu de forma significativa a chegada de refugiados à Europa, mas criou um acúmulo de imigrantes na Líbia. Essa abundância de “mercadoria” é uma das explicações para o surgimento do mercado de escravos na Líbia.

Ao mesmo tempo, os centros de detenção de imigrantes ilegais na Líbia estão lotados, e a maioria das pessoas retidas nesses lugares aguarda a deportação em condições precárias, com acesso escasso a água e comida. Homens ouvidos pela CNN na mesma reportagem relataram terem gastado todas as suas economias para chegar à Líbia. Sem dinheiro, se viram em dívida com os traficantes, que passaram a vendê-los como escravos para reduzir o suposto débito. Alguns conseguiram deixar o ciclo de abusos quando suas famílias pagaram resgate para obter sua soltura.

Fonte da notícia: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/leilao-de-escravos-e-flagrado-na-libia/>



Fonte: Wikimedia Commons

Fonte da imagem: [https://commons.wikimedia.org/wiki/ملبي#/media/File:Libya\\_in\\_its\\_region.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/ملبي#/media/File:Libya_in_its_region.svg)